

Durrães

DURRÃES, orago São Lourenço, era uma vigararia da apresentação do abade da freguesia de São Pedro Fins do Tamel.

O P.^e António Gomes Pereira diz que na « Corografia» do P.^e Carvalho esta freguesia aparece com a designação de *Dorrães* e *Dorlães*. Pela desinência vê-se que é o genitivo dum nome provável gótico, significando portanto granja ou quinta do Snr. *Durra*, *Dorra* ou *Dorla*.

Esta freguesia com a de Carvoeiro, contígua, mas já no concelho de Viana do Castelo, formava o Couto dos monges beneditinos de Carvoeiro.

Carvoeiro tomou o nome de uma grande cidade que houve no alto do monte de Balugães, sobranceiro a esta freguesia, cujos vestígios ainda se encontram dentro dos limites desta última freguesia, chamada *Carbono*, pelo carvão que ali se fabricava, e conhecida mais tarde pelo nome de *Caramona*.

Esta povoação antiquíssima foi destruída na invasão árabe e o convento de Carvoeiro foi fundado ou reedificado no ano de 885 da era cristã por D. Paio Guterres.

Tinha este mosteiro umas doações régias que lhe davam a freguesia de Carvoeiro e a de São Lourenço de Durrães por couto.

D. Paio Guterres foi senhor absoluto deste couto com característicos direitos feudais.

Entre estes aparecem-nos vestígios do tributo de *osas*, de *pernada*, ou de *marcheta* usada em algumas nações da Europa na idade média. Se alguma mulher casasse sem sua licença e sem lhe pagar certo tributo perdia as suas casas e terras.

D. Paio Quterres deu ao mosteiro este couto que o teve de mero e misto império.

O abade era Juiz e Ouvidor, sem escrivão, que terminava e julgava verbalmente os pleitos entre os moradores, sem apelação nem agravo.

Nomeava Porteiro e Achegado, que penhoravam pelas dívidas ao mosteiro e mandavam pôr em leilão os bens, e no crime era preciso licença do abade para os queixosos irem querelar a Barcelos.

Tudo quanto os habitantes deste couto possuíam de bens de raiz era colónia do convento, nem qualquer tomada do monte era sua, e, quando queriam doar ou trespassar alguma propriedade a outro, a largavam nas mãos do abade para que das suas a desse a quem queriam.

A *Igreja Paroquial* da freguesia de Durrães está em sítio elevado, na encosta nascente do monte Arefe.

Foi construída no centro de um pequeno adro com duas entradas. A sua frontaria é simples; está encostada a uma sólida torre para os sinos que a ampara do lado esquerdo.

De cada lado da capela-mor tem sua sacristia e do lado esquerdo desta capela, na parede exterior, vê-se uma pedra muito antiga, que com certeza não é da época da construção do actual templo, com uma inscrição indecifrável.

A antiga matriz desta freguesia, segundo corre na tradição, esteve no alto do monte de Arefe.

Informam-nos que, do arquivo paroquial nada consta, de um documento particular se infere que a igreja paro-

quial desta freguesia foi construída ou reedificada no século xv, antes de 1500.

Fará referência aquela pedra a este facto?

Seria nessa época a mudança da igreja do monte de Arefe para o sítio onde está?

O edifício actual é porém muito mais recente; pela sua construção se vê que deve datar do século XVIII ou quando muito do século XVII.

Dentro, a capela-mor é forrada a madeira pintada, com um quadro ao centro alusivo ao Sacramento, ladeado a cada canto por quadro representando passagem da Paixão de Cristo. O altar é em talha antiga dourada.

O corpo da igreja é forrado também¹ a madeira pintada, com o ícone do padroeiro São Lourenço ao centro.

Tem quatro altares laterais: os dois junto ao arco cruzeiro modernos e os outros, que se lhes seguem, o do lado do evangelho em bela talha antiga e o do lado da epístola em talha muito singela.

No pavimento vêem-se ainda duas sepulturas com tampas de pedras, sem inscrições; baptistério, coro e púlpitos são muito vulgares e simples.

O *Cemitério Paroquial*, ao lado nascente do adro e para o qual se desce por umas escadas de pedra, tem sobre o seu portão a data—1909.

Ao fundo, em frente ao portão, foi construída, em estilo românico, ampla e espaçosa, a Capela-Jazigo do falecido Conselheiro Amorim Leite.

O *Cruzeiro Paroquial*, ao lado nascente da igreja, à face da estrada, é de base e coluna rectangular e sobre o capitel desta ergue-se uma cruz dupla.

Na base tem em uma face a data 1656 e nas outras a seguinte inscrição: ESTA OBRA MANDOV ERGVER JOÃO MACIEL.

Não existe capela alguma pública e das particulares apenas uma que pertence à Ex.^{ma} Snr.^a D. Bernardina Luísa Novais Leite.

Esta freguesia, situada nas margens do rio Neiva, tem as seguintes fontes públicas: a de Vila, a da Várzea, a de Vilar, a de Novais, a de Suzana, a do Espinheiro, a do Amial e a do Paço.

É servida pela estrada que de Viana do Castelo vai para Braga por Balugães e Vila Verde e por um ramal que desta estrada vem até à igreja, galgando o rio Neiva em um pontão no campo do Forno.

Confronta pelo norte com a freguesia de Carvoeiro, do concelho de Viana do Castelo, pelo nascente com a de Balugães, pelo sul com a de Santa Lucrécia de Aguiar e pelo poente com a de Fragoso e Tregosa.

A sua população no século XVI era de 50 moradores; no século XVII era de 60 vizinhos; no século XVIII era de 52 fogos; no século XIX era de 410 habitantes e actualmente é de 561 habitantes, sendo 261 varões e 300 fêmeas, sabendo ler 82 homens e 15 mulheres, havendo pois 464 analfabetos.

Esta população está distribuída pêlos seguintes lugares habitados: Fojo, Corujeira, Espinheiro, Castelos, Rio, Souto, Campo do Forno, Carvalhinhos, Lages, Vilar, Monte, Cruzeiro, Igreja, Costa, Novais, Mota e Sertão.

As suas casas mais importantes são: a de Malta, a do Conselheiro Amorim Leite e a de Domingos Gomes.

Tem Escola Oficial para o sexo masculino com um lugar, que funciona em edifício próprio, Caixa do Correio, 2 lojas de comércio, uma padaria e 5 engenhos de serrar madeira.

É servida esta freguesia pela Linha Minho e Douro no apeadeiro de Durrães.

Ao sul deste apeadeiro foi construído um viaduto, conhecido por *viaduto de Durrães*, que é a obra neste género mais alta e elegante de toda a linha.

Tem 16 arcos iguais. A máxima altura é de 22 metros e a extensão total é de 180 metros.

Era natural desta freguesia o *Conselheiro Manuel Inácio de Amorim Novais Leite*, filho de Francisco Xavier Leite de Abreu Carneiro, oficial do exército legitimista, e de D. Josefa do Vale Amorim Novais.

Nasceu em 1860 e faleceu no Porto em 15 de Outubro de 1929.

Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, agraciado com a carta de conselheiro, foi Administrador do concelho de Barcelos, Governador Civil dos distritos de Leiria e Braga, e conservador do Registo Predial nas comarcas dos Arcos de Valdevez e de Vila Verde.